



José Cardoso Pires

Satanás em cruzeiro de amor

Andreotti faz olhos de mocho lacrimoso: "Parece impossível, Buscetta anda em cruzeiros e o ministro Mannino está fechado na prisão devido às declarações dos arrependidos." O ministro do Interior, por sua vez, diz que tem "1091 arrependidos para proteger e que, se contar com os familiares que lhes estão agregados, esse número atinge as 4.500 pessoas."

INCRÍVEL E COMOVEDOR. Faz agora quinze dias o mundo leu e ficou de boca aberta: Tommaso Buscetta, Diabo Supremo da "Cosa Nostra", fora visto no Mediterrâneo em cruzeiro de amor e "dolce vita".

Ele mesmo, não há que duvidar. Buscetta, o Don Masimo que comandara o império mafioso da Sicília e que depois se tornaria no maior arrependido do século, revelando ao juiz Falcone a estrutura secreta do "Polvo" desde os cabreiros analfabetos de Caltanissetta aos cardeais da Banca de São Pedro; Buscetta, esse dragão lendário do crime transnacional; denunciante apocalíptico ("pentito", diz-se em linguagem de seita); fantasma universal cuja sombra fazia e ainda faz tremer presidentes como Giulio Andreotti ou Silvio Berlusconi; Buscetta, o homem de várias caras, várias plásticas, afinal tinha metido férias na prisão e estava a bordo do paquete Monterey todo contente da vida.

Aí é que De Gregorio, jornalista do "Oggi", o foi descobrir, para surpresa de todos nós que o julgávamos guardado pela polícia a sete chaves de segredo, lá muito algures, numa cela inconfessável. Mas não. Don Tommaso andava mas era no mar dos barões a gozar o belo sol de Agosto e, cavalheiro de sangue e de família como cumpre a um "onorévole" mafioso, fazia-se acompanhar da mulher na maior das tranquilidades. Foi talvez por isso que o jornalista o descobriu e lhe lançou o anzol em pleno Mediterrâneo, uma vez que, soube-se depois, o Padrinho tinha o rosto irreconhecível devido a uma nova operação plástica.

Não parece lá muito coerente que

um Satanás espreitado por tantas vinças e por tão poderosos inimigos se deixasse denunciar assim pela companhia da mulher que, com certeza, também andava debaixo da mira dos mafiosos, olha que meninos. Mas aos 68 anos de muita vida, um patriarca do crime pode ter desmandos do coração que os prudentes, pobres tristes, são incapazes de entender. Buscetta talvez tenha sido um desses casos: "Tinha prometido este cruzeiro a Cristina, a minha mulher", explicou ele ao jornalista que o descobriu, mas que, naturalmente, nunca se identificou como tal.

E pronto. Aí temos um homem sem fidelidades, alguém que trai tudo, valores de vida e de morte, valores de seita, mas que de repente regressa ao mundo, fiel ao amor. Há um ditado que diz: "Amor de Agosto é mel e mosto", e o velho assassino, ao que parece, cumpriu-o em alegria. O repórter do "Oggi" descreve-o como um viajante de confraternização aberta nos salões e na piscina, alguém que, em companhia de bar, era certo na arte de contar e de conviver e que entoava canções napolitanas numa discretíssima voz de barítono. Canções napolitanas, pormenor a registar: no seu cruzeiro de fé-

rias, este grão-mafioso em tocata e fuga desembarcava por vezes a cantar (era a liberdade na alma, era a liberdade!). Em Jerusalém, Rodes e noutros portos onde fez escala esse espanto não teria qualquer importância. Mas em Catânia não. Em Catânia, segunda capital da Mafia siciliana, Buscetta tinha fatalmente a cabeça a prêmio a cada esquina, e no entanto foi lá que, segundo De Gregorio, ele entrou a cantar napolitano e a cantar continuou, sentado numa esplanada junto ao porto. Um desafio?

Como e porque embarcou o repórter do "Oggi" no paquete Monterey onde (por acaso) se encontrava Don Tommaso Buscetta escondido num novo rosto?

Mistério. Mas para lá deste e doutros mistérios, a verdade é que o episódio em si mesmo não oferece dúvidas. A imprensa internacional continua a investigá-lo, Andreotti faz olhos de mocho lacrimoso: "Parece impossível, parece impossível", diz ele. "Buscetta anda em cruzeiros e o ministro Mannino está fechado na prisão devido às declarações dos arrependidos."

O ministro do Interior, por sua vez, diz que tem "1091 arrependidos para proteger e que, se contar com os familiares que lhes estão agregados, esse número atinge as 4.500 pessoas." E Berlusconi, com o seu ódio compreensível aos arrependidos, chama-lhes "funcionários públicos com direito a férias."

Que mundo, caramba. Berlusconi... política... futebol... contas escuras... Um xadrez que dá que pensar, então não dá? ●